



## **Gavião de duas cabeças**

***Escrito por Andreia Duarte e Juliana Pautilla***

### **MOMENTO 1 - RECEPÇÃO**

*(Andreia está recebendo o público, cumprimentando-os, ajudando-os a escolher um bom lugar para assentarem).*

*(Quando todo o público está acomodado, ela convida alguém para ir para o palco junto com ela. Agacha com essa pessoa no centro do palco e começa a entoar um canto lamentação. A pessoa fica do seu lado, apenas escutando. Depois de um tempo e ainda cantando, a atriz levanta de mãos dadas com o seu convidado e vai retornando-o para o seu acento. De volta ao palco, finaliza o canto olhando para o público).*

Boa noite, boa noite!

O meu nome é Andreia Duarte.

Há muito tempo eu escutei uma música, isso foi em um encontro de música étnica. Eu estava assim, entrando em um lugar que era como um Centro Cultural. Tinham muitas pessoas. Eu fui entrando pra conseguir enxergar quem que estava tocando aquela música. Quando eu cheguei perto, eu dei de frente com cinco indígenas, todos eles pintados de vermelho e preto, tocando flautas enormes.

Eu fiquei completamente paralisada, emocionada mesmo. Eu nunca tinha visto aquilo, assim, na minha frente. Eu lembro que meus olhos encheram de lágrima.

Nesse encontro, eu conheci o cacique daquela comunidade, e a gente ficava conversando, assentado na rua, no paralelepípedo mesmo. Daí teve um momento que eu perguntei para ele se eu poderia ir para aldeia. E ele me disse que sim.

Só que no outro dia ele foi embora. E eu, não sei por que, não tinha pegado nenhum contato dele. Eu fiquei uns bons dois meses tentando encontrar uma forma de falar com ele novamente, até que eu consegui um número de telefone. Esse número existe até hoje. É de uma central telefônica que a gente liga, eles plugam o telefone em um rádio comunicador, entram na frequência da aldeia e a gente consegue falar com eles. Eles por via rádio e a gente por telefone. Quando eu finalmente consegui falar com ele, eu me apresentei novamente, disse que realmente eu queria ir para aldeia e ele me respondeu que tudo bem, que ele me autorizava entrar na comunidade dele. Naquele exato momento, eu desliguei o telefone e fui direto pra rodoviária, isso em Belo Horizonte que a cidade de onde eu vim, e comprei a minha passagem para o dia 3 de janeiro de 2001.

A viagem foi como uma odisseia! Eu nunca tinha viajado sozinha tão longe, eu tinha 21 anos de idade. Eu saí de Belo horizonte e viajei por 12 horas até a cidade de Goiânia. Cheguei de noite. Em Goiânia eu peguei outro ônibus e viajei mais 16 horas até Canarana, que é uma cidadezinha do interior do estado do MT. Em Canarana eu fiquei lá organizando toda viagem, comida, gasolina, toda logística, pra no outro dia de manhã bem cedo, eu fretar um caminhão e viajar mais 2 horas, 3 horas até a beira do rio Kulluene.

Esse rio, nós, não indígenas conhecemos como rio Xingu. Imagino que alguém de vocês já deve ter ouvido falar. Mas aqueles indígenas me ensinaram que aquela grande parte de rio se chama Kulluene.

No rio, um indígena tinha ido me buscar. Nós tiramos as coisas de dentro do caminho colocamos dentro do barco, um barco do tipo voadeira, e descemos o rio durante 6 horas até o posto indígena Leonardo Villas Boas, que é um Posto da Funai. De lá, nós tiramos as coisas de dentro do barco colocamos em um caminhão e viajamos mais meia hora até a aldeia.

Eu sou uma pessoa que morou em uma comunidade indígena, que amou essa comunidade, eles são como minha família. Eu fui pra ficar 2 meses, mas acabei ficando 5 anos.

O povo com quem eu morei é mais conhecido como Kamayura, mas eles se auto-denominam “Apyap”, que significa “Os que ouvem”.

## **MOMENTO 2 – MEMÓRIA**

*(Andreia vai andando em direção ao centro do palco, próxima das faixas de papel. Ela agacha).*

*(Imagens em vídeo e da aldeia começam a ser projetadas nas faixas de papel. Uma música de flautas contida de falas indígenas é tocada. Andreia dança a sua memória).*

*(A atriz vai colocando roupas no palco. No final da dança, volta à conversa com o público).*

Também eu tenho uma memória muito forte dos entardeceres, quando os homens saem de suas casas e vão caminhando para o centro da aldeia. Para a casa dos homens que é chamada de “tapyin”. Eu me lembro do Kotok indo até o centro, Tacumã longe carregando o seu banquinho, Makari sempre muito discreto e paí Kokar andando carregando a sua borduna. No centro eles fazem uma fogueira bem pequena, os pajés assentam em volta e enrolam os seus fumos. É bonito ver, porque a fumaça ela vai subindo e a gente vê de longe...

*(A atriz conversando, começa a vestir a roupa colocada no palco).*

Neste mesmo momento, as mulheres saem e assentam em frente de cada oca, junto com os seus filhos, netos, irmãos, primos, com seus parentes.

É neste exato momento, quando toda a aldeia está conversando, discursando, fofocando, gestualizando, que eu gosto de pensar que é este o momento que eles se escutam.

É estranho perceber que tantas vezes eu fugi desse assunto, por mais que eu queria falar. Eu queria falar. Mas este é um assunto que faz parte da minha vida.

*(Termina de vestir. Coloca os óculos).*

## **MOMENTO 3 – DISCURSO ANTI-INDÍGENA**

*(Caminhando para trás, a deputada Kátia Gavião começa a o seu discurso em fala e gestos).*

Eu venho a essa tribuna, senhor presidente, novamente para falar infelizmente de um mesmo assunto, não um bom assunto, não um bom tema, mas o mesmo tema que é a insegurança jurídica no país especialmente e especificamente com relação à questão indígena.

*(Caminha em direção ao painel central. O enrola, deixando-o preso em cima. Uma tribuna aparece. Ela carrega a tribuna até o foco central, retomando o seu discurso).*

São 47 mil hectares, 47 mil hectares que estão invadidos por índios num total de 80 fazendas de pequenos produtores. Não é ocupada não, é invadida. Caso alguém não saiba, não se atentou para isso, 86% das propriedades rurais no Brasil são de pequenos produtores, pois não existe mais latifúndio no país. E, ainda, para esses que não estão familiarizados com o campo, o que significa 47 mil hectares? Daria para colher anualmente 3.500.00 sacas de milho que custariam 56 milhões de reais, 56 milhões de dinheiro que nós estamos perdendo com essas invasões.

É por isso que protocolo hoje, senhor presidente, um grande projeto, como nos governos anteriores que levantaram um instrumento poderoso coibindo qualquer invasão. Nós relutamos muito em aprovar esse projeto, tentando construir um diálogo, mas a cada dia que passa, ao invés de aumentar a segurança jurídica e diminuir as invasões por parte dos índios nas áreas de produção do país, elas estão aumentando.

Nós não queremos nada mais, nada menos. Para não tratar os iguais de forma desigual, copio da lei que prevalece hoje. Fazenda invadida por índio, não poderá ser demarcada, não poderá ser medida, não poderá ser vistoriada por dois anos. O que isso significa? Significa que o índio que invadir a terra, não poderá usufruir de argumentos frágeis, como laudos antropológicos que não dão nem para enrolar pão velho, para comprovar que essa é uma terra culturalmente secular e tradicional. E, se houver reincidência, se os índios invadirem novamente a mesma terra: serão mais dois anos que elas não poderão ser demarcadas.

Não discuto no projeto, senhor presidente, o mérito. Isso não vem ao caso. Se produtor rural tem razão, se índio tem razão. O que o projeto prevê e tem o objetivo puro e simples é de conter as invasões em fazendas que têm documentos há décadas. Eu vi, que têm documentos desde 1800, senhor presidente! Portanto, esse projeto não beneficia e nem prejudica ninguém, ao contrário, faz valer o Estado de direito.

É por essas questões, que nós estamos empenhados em uma proposta base, estruturante, a onde, o legislativo passa a ter o poder e a decisão final sobre a demarcação de terras.

Não é possível que o Brasil, um país emergente que já caminha para país desenvolvido, ainda, insiste em não resolver os seus problemas fundiários. Coisa de país subdesenvolvido, coisa de país da idade média, a onde luta-se e briga com arco e flecha, arma de fogo, por conta de um pedaço de chão, senhor presidente, tenha paciência. Os produtores rurais não aguentam mais, ou será, que o Estado Brasileiro não merece honra, não merece fé e a sua documentação é frágil? Um órgão obsoleto como a Funai, não enxerga as exigências do desenvolvimento de nossos potenciais recursos agrários e hídricos.

Não, senhor presidente, o que os índios sofreram no passado quando o Brasil foi descoberto é o mesmo que nós estamos sofrendo hoje. Eu só quero lembrar ao Brasil, é uma opção dos brasileiros. Eu, não tenho nada contra o desejo dos índios. Eu acho legítimo, quem num ter terra querer ter terra. Índio ter terra e querer aumentar as suas terras. E que, todos os brasileiros, assim mesmo, os produtores rurais, os fazendeiros, todos tem vontade de aumentar as suas terras. É um direito legítimo. Mas o sonho, e o desejo de uns, não pode custar o sossego do outro, não pode custar o descumprimento de lei.

Por tanto, se o governo quer proteger índio, se o governo quer dar terra para índio, que compre e pague, compre e pague. Agora, ex-pro-priar, tomar terra de alguém com o discurso frágil de que o Brasil inteiro era dos índios, o que é isso senhor presidente? Eles nem tinham posse com documento legal. E, para além, hoje eles são

detentores de grandes extensões de terras em comparação à quantidade de índios que sobraram no país. Sejam sinceros e diretos, para que uns sobrevivam, outros têm que morrer. É a lei, chega de protecionismo.

No meu Estado querido, nós temos 10 etnias e nunca tivemos problemas de terra. Muita pobreza, sim. Situações de abandono, sim. Gravidez na adolescência, sim. Alcoolismo intenso, sim. Assassinatos à esses pobres miseráveis, sim. Preconceito, sim. Racismo, bastante. Mas nunca, nunca tivemos problemas de terra. E porque estamos tendo agora? MST, código florestal, questão ambiental, decreto quilombola. Pra que? Para quem? Quer dizer, isso tá sendo é disseminado por todo o país, como se fosse uma questão para desestabilizar o agronegócio brasileiro. Só não vê quem não quer.

Por isso eu peço, eu peço por favor, eu peço pela Constituição, não faça isso com os produtores que estão fazendo o que estão fazendo pelo Brasil. Se fosse uma categoria arcaica, atrasada, que só desse despesa. Não. Por isso eu peço. Nós queremos proteção, nós queremos o Estado de direito. E nós precisamos contar com todos os juízes federais, com todas as instâncias desse país, que não recuem, que façam valer a ordem, que convoquem o exército brasileiro, a polícia militar dos Estados e que os governadores cumpram a sua função e reintegre posse.

Agora a questão indígena que nunca foi problema tão forte assim no Brasil, quando os índios pleiteavam as áreas da Amazônia, agora saem da Amazônia descem da Amazônia para o sul do país querendo às NOSSAS áreas de produção. Quer dizer, isso é só pra bobo, senhor presidente. Eu queria saber como que 800 índios arrumam dinheiro para ir para Belo Monte impedir que a usina seja construída? Isso está claro, transparente, cristalino que tem organismos internacionais financiando. Meia dúzia de índios, um tanto vagabundo pintado andando por aí, fazendo baderna, vandalismo. Belo Monte está longe do rio Xingu, o rio aguenta. A Natureza aguenta. A terra está aí para usufruirmos, para servir aos interesses do mercado.

Sem falar nos índios que não são mais índios, que andam de roupa, compram carros, celulares, totalmente descaracterizados. Eu queria ver a comprovação de que eles são índios, de que existe índio puro nesse país. Quer dizer, pode até existir índio legítimo, mas que tem muito índio genérico aqui tem sim senhor.

Nós poderíamos estar aqui, discutindo mercado internacional, acordo com a União Européia, com EUA, com China, falar de logística, estimular os empresários a entrar nas licitações, nas concessões, para que nós possamos superar esse gargalo. Falando de qualidade, de tecnologia e inovação. Não, nós estamos perdendo tempo na tribuna, falando de um assunto superado, que país desenvolvido não discute mais, é um desrespeito a todos nós! Não, pra mim não. E eu não tenho medo de dizer, ninguém vai me calar, ninguém vai me coagir porque é uma questão social, porque os índios, não!

*(A deputada desce o painel de papel. Ela joga os papéis no espaço, continua falando gritando. Ao mesmo tempo vai tirando a sua roupa. A sua sombra vai aumentando atrás dos painéis de papel).*

*Não! Ninguém vai me calar, ninguém vai me coagir porque é uma questão social, porque os índios!*

*Nós precisamos colocar os índios no mercado de trabalho.*

*Terra! Terra não alimenta ninguém. Nós precisamos de vaca. Terra foi feita pro gado, pro gado!*

*Nós precisamos militares! Militares na FUNAI! M-I-L-I-T-A-R-E-S!*

#### **MOMENTO 4 – DISCURSO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA**

*(A música de flautas takwara Kamayura inicia. Andreia reaparece um pouco transtornada e dançando. Depois de um tempo, surgem diferentes vozes em off fazendo perguntas):*

*Andreia, porque você foi para a aldeia?*

*Eles te aceitaram lá?*

*Eles te deram um nome?*

*E como foi sua adaptação?*

*Você tinha um quarto?*

*Como você dormia?*

*Como você fazia para trocar de roupa?*

*O que você comia lá?*

*Você andava pelada na aldeia?*

*Como você ia ao banheiro?*

*Você tinha momento de ficar sozinha lá?*

*(No decorrer das perguntas, a atriz pega um cabaça e um pincel. Ainda dançando e andando, vai em direção ao painel esquerdo e começa a pintar um símbolo indígena. As perguntas vão sobrepondo uma a outra. Escuta-se a última pergunta).*

*Eles te deram um nome?*

*(Andreia pára de pintar e responde para o público)*

Não... tem essa ideia que você vai para a aldeia indígena e tem receber um nome. Eu nunca quis ter um nome kamayura. Eu sempre quis ser Andreia mesma.

*(Termina a pintura conversando. Vai em direção ao proscênio e fala com os espectadores).*

Eu fui morar na aldeia porque eu tinha um sonho, de uma vida na natureza, sem consumo, de morar em um lugar que eu acreditava não precisar de dinheiro... Bem, eu tinha 21 anos, né. Mas eu também eu fui com a intenção de estudar a expressão do corpo indígena pro teatro, só daí eu vivendo, me tornando família, entrando pra cultura, escarifiquei meu corpo, dancei em rituais, fui pra roça, carreguei bacia de mandioca na cabeça, eu fui vivendo...

*(Caminha em direção ao painel do lado direito do palco. Começa a pintar o papel. Continua a conversa de uma forma mais mecânica, falando como se fosse um texto que alguém já repetiu muitas vezes).*



Não, eu não tinha quarto, eu dormia em uma rede dentro de uma oca que na época tinham trinta pessoas. Trocava de roupa no canto da oca, ninguém olha e se olha também não é problema... Eu não andava pelada na aldeia porque as crianças reparam muito, é um corpo diferente, branco, com pêlos. *(Retoma outro ritmo na fala, mais interessada)*. Mas banho eu tomava pelada na lagoa. Sempre me lembro do Maputa gritando: “tekwatsin...” “bunda branca...” Banheiro eu ia ao mato mesmo, pegava uma folhinha e resolvia o meu problema. A folha, eu aprendi que a de fruta é ótima! Fica a dica! Eu tinha muito medo de pegar uma folha errada. Vai que? Mas esse problema do banheiro ele se resolveu quatro anos, quando o ex Ministro da Justiça, Márcio Tomás Bastos foi para aldeia e mandaram fazer um banheiro para ele. No final eu achei bom porque eu fiquei com o trono do ministro.

*(Caminha em direção ao painel central. Pára. Volta o olhar para o público).*

Se eu namorei na aldeia?

*(Pausa. Não responde. Com ironia, emenda outro assunto).*

A comida era variada! De manhã a gente comia peixe com beiju, de tarde beiju com peixe, de peixe com beiju. Às vezes tinha umas especiarias, uma formiguinha com castanha de pequi, um caranguejo, um tracajá, uma frutinha do mato. Mas na época de cheia a gente passava fome. Porque nessa época o rio sobe, os peixes se espalham e fica difícil de pescar. Também não é época de colheita. Eu lembro que eu cheguei a trocar miçanga por polvilho. Num dia desses de fome, eu ganhei um pedacinho pequenininho de um beiju com um peixinho dentro. Eu estava morrendo de fome, sei lá quantos dias no mingau que é água com polvilho. Eu fui pra minha rede, toda feliz, quando eu olho pra frente tinham 4 crianças pequenas, um do lado do outro olhando pra o meu beiju. *Daí foi* um rabo pra um, uma barbatana pra outra, um pedaço de barriga pra outro, a cabeçinha pra outro e um restinho pra mim. Também porque na aldeia a gente divide tudo. Roupa, comida, o que você quiser. Até a companhia a gente divide. *(Vai caminhando em direção ao painel central)* Era impossível ficar sozinha na aldeia *(agacha)*, nem um pouquinho debaixo da árvore. Quando um

Kamayura me via sozinha logo chegava e perguntava: “pó ne jamot?” “Você tá com saudade?”. Porque pra eles, a saudade mata.

*(Levanta, continua conversando e pintando os símbolos:  $1 + 1 = \$$ ).*

Nós criamos uma escola juntos. Os Kamayura queriam aprender a falar, ler e escrever em português. Também matemática. *(Vira para o público)* Não queriam escrever em língua própria. Eu queria. *(Continua falando. Guarda o pincel por trás do painel central, vai em direção ao painel direito para colocar a cabaça ao lugar original).* Eu queria que eles escrevessem na língua própria, eu queria que eles escovassem os dentes, eu queria que eles não ficassem tomando café e açúcar toda hora, eu queria que eles não comprassem biscoito doce recheado pra merenda, eu queria que as crianças jamais soubessem o que é coca-cola! Eu queria que eles não ficassem pedindo dinheiro, que eles não aceitassem fazer vídeos e fotos sem contrato, eu queria que os políticos do voto, da carteira de identidade, os fazendeiros do turismo, os projetistas de plantão ficassem longe da aldeia. O mais absurdo é que eu queria que eles guardassem o dinheiro, assim, poupassem dinheiro, no Banco do Brasil, pra projetos de sustentabilidade. *(Ironizando a si mesma e constatando sua postura)* Eu queria, eu queria, eu queria. Eu tinha aquela ideia, daí eu queria. Eu queria, eu queria um monte de coisas!

Também eu morria de medo de fazer coisas erradas, porque eles sempre culpam os brancos de tudo.

*(Retorna falando com os mesmos gestos da deputada Kátia Gavião)*

Eu ficava tão imersa na aldeia que às vezes eu me sentia à margem, eu não era uma índia, ao mesmo tempo a cidade já não fazia parte da minha vida. Eu não sabia do que eu gostava, que roupa eu devia vestir, um pouco de quem eu era. Mas para alguns, gente da Funai, antropólogos, indigenistas, gente das cidades próximas, das cidades distantes, artistas, produtores, gente de teatro, eu era aquela menina jovenzinha, branquinha, loirinha, professorinha, que enriqueceu com os índios,

mulher de índio, loira do Xingu, Andreia do Xingu, primeira dama do Xingu. É pitoresco né? Exótico, selvagem. Índio não ama não! (*Ironiza*) Não ri, não briga, não é gente não, né? (*Olha para o público*) Não é gente não. (Continua parada olhando para o público).

(Começa a descer em direção ao chão. Agacha).

Na aldeia quando eu ficava muito triste, eu ia para a beira da lagoa e ficava lá conversando com o Bambu que era uma criança de 3 anos e o Bill, meu cachorro.

“Bambu, pai Kokar chegou bem perto do meu ouvido e falou: você tá escutando que a gente tá falando não? Tá com cera no ouvido? Mas Bambu, eu sempre falei com eles que o dia que eu for embora, eu vou pegar os meus dois banquinhos, vou atravessar o centro da aldeia com a mochila nas costas e num vou olhar pra trás”. Quando eu tiver subindo no avião, o Maputa vai chegar, colocar sua mão no meu ombro e vai perguntar: “Andreia, você vai voltar?” E eu vou responder pra ele: “vou voltar Maputa, mais vai demorar”. (*Respiro*). “Sabe, Bambu, eu sou tatuada”. (*Olha para o público*) “Kama-yu-ra, o-povo-da-tatuagem”. Nessas horas o Bambu chegava com a sua mãozinha pequenininha, passava no meu rosto e falava: “oiao itea, oioa itéa”. “Num chora não, num chora não”.

(*Levanta*)

Eu me lembro em um dia que eu estava deitada na rede e a Ceni que na época era uma criança veio andando em minha direção. Ela chegou perto da minha, entrou, deitou comigo e começou a passar a mão no meu corpo, primeiro ela passou a mão no meu pé, depois na minha perna, na minha vagina, na minha barriga, (*começa a tirar o vestido*), nos meus seios, no meu rosto, no meu cabelo. Quando a Ceni terminou, ela simplesmente levantou e foi embora.

## **MOMENTO 5 – PINTURA**

*(Nua caminha em direção ao painel esquerdo. Deixa o vestido no canto no chão e traz a cabaça que está do lado esquerdo para o foco de luz).*

*(A atriz começa a pintar o seu corpo branco de vermelho. Depois pega a outra cabaça e termina a pintura com tinta preta).*

*(Guarda as duas cabaças, veste colares. No final da música vai em direção ao público).*

## **MOMENTO 6 – ENCONTRO**

*(A atriz pára em frente de uma pessoa no público. Estende a mão para cumprimentá-lo. Olha em seu olho. Fica um tempo. Depois com as mãos dadas, estende outra mão para outro. Olha nos olhos e junta às mãos dos dois. Continua cumprimentando as pessoas no público e juntando as suas mãos. Depois de um tempo, retorna ao centro do palco devagar).*

## **MOMENTO 7 – DISCURSO INDÍGENA**

*(Todo o discurso é feito na língua indígena Kamayura e tem a tradução em legenda projetada no painel central do cenário).*

Je a Kane kami, awi presidente, deputado, enko senador, mia, me pe fazendeiro. Me jo kapekurupi. Totê? Japapepa pejojawe. Japapepa, pejaju, eparene mawe kopuwe jenepa pia au.

Então, je a kawè`eng ne upe je kô awi. Nite je a kawè`eng papel a pupea, branco a wite. Je carret je a kang a pupe. Je kamara ekame`eng ang “gavião duas cabeças” hok. Ae oua, ae oua wetepewara papat. Cauaip, caraip, ipitsunamaea. Ae’oua ore retaim.

Pemonetá ikatuiteá, fazendeiro apo, garimpeiro apo, mineração hidrelétrica a nite. Yaua je ne Paraná, yaua jene ata, ang ore opotaritea koyt. Je, tenote, napotaritéa mapam omanõa. Eu num quero morrer outra vez, ore oretaim omanoa 516 kwara awi. Ang`a erupi, ang`a erupi awite, ore, ore ka`a Brasil. Então, ang je ne problema aeteuat.

A lei, o documento opap cauaip mapam ekorin. Opap cauaip pekarain cahera caneta anite. Mare pekame`eng je invasor? Ore nite manoara oproatsin. Marea caraip epaparite`a ae upe? Branco oproatsi`wete! Pehem o kwahaitea je ne moroneta? Teaym, namieym! Jruetetéa, mihara ae ko`yt. Muito tempo índio aqui. Ang, ore o potaritéa, je a kame eng am, oetsak manoara tete, kahera jeruéa, amo cauaip omanoa.

Pe governo je`ne estak at, ma`area governo o proanup jene upea manoara iay. Fazendeiro je ne o pyhuk, eproanup papel a pó, documento a pó. Maite ang? Cauaip okwahawitea papel. Índio num sabe. Manora aeteuat je`ne upe, mam jeramyia omano, je yua pira o num, je rup oiaó parente oetymap. Esse jene mato verdade.

Manora je ne apo, jene apo. Papel iupé, nakwahawitea, akwahap ta piansa jerera akarain. Jerua, yamauara e`korin, tytea. Nite ymauat, o num dedo papel iarim, tinta a nite. Ang nite je rea kaim.

Amo at caraiwa oproanup je`upe, maité cauaip apo tytéa retaim, ya a nite? Je ekame`eng, ya jene ypyrangamaea, y`ym je ne at, y`ywará jene osso, ycipó, jene nervo, ywyty je ne ywy`ym, ita jene akwang, awa, ang ropap. Awara cauaip. Iwite ore hoka, tenote jene re`a, nariz, boca anite. Pe arupi, touai, jene nami. Okauputete jene tewitkwat. Aeteuara e`koyt, nite tyte.

Petsakanen, ne karera opawitea. Ka`a opao, cauaip omanoa awitea caraip. Aeteuara jene upe, orea sagrado. Pe governo a morerekwat papel upe, jene nite. Jene tapaka, jene nami, jene je`eng, jene porerekwaim o me eng manora jene ang. Ka`a ome`eng jene upe manoara jene ang.

(Segue a tradução legendada para o público)

*(Eu já vim aqui, presidente, deputado, senador, o seu povo, povo fazendeiro. Nós já conversamos, vocês lembraram? Eu pedi respeito. Vocês estão criando essas leis para tentar acabar com o que está restando da floresta.)*

*(Eu falo oralmente. Eu não vou falar como branco fala com o papel. O meu papel tá na minha cabeça. O meu povo chama o congresso da casa do “Gavião de duas cabeças”. Ele está comendo, engolindo nós todo mundo. O índio, o branco, o negro. Está engolindo o nosso país).*

*(Vocês criam o que não presta, fazendeiro, garimpeiro, mineração, hidrelétrica. Suja o nosso rio, suja os nossos lugares, isso é o que nós não queremos. Eu principalmente, eu não quero, morrer outra vez. Eu num quero morrer outra vez, como nós morremos ha 517 anos passados. Isso aqui tá retornando, tá retornando como que invadiu nosso, o nosso Brasil, então esse nosso problema de verdade).*

*(A lei, o documento pra acabar com a gente de novo. Acaba com a gente a escrita do papel feita com a caneta. É nisso que você me chama de invasor? Nós não estamos roubando nada. Porque o branco num fala dele? Branco ladrão! O branco não sabe a nossa história? Tá cego, tá surdo! Mentira, vocês que são igual bicho. Muito tempo índio aqui. É isso que a gente não gosta, eu to falando aqui hoje, indo atrás dessas coisas à toa, da mentira do papel, outro índio tá morrendo).*

*(O seu governo tem que olhar pra gente, porque o governo tem época que precisa da gente. Fazendeiro pegava-nos, dizendo que eles tem o papel, tem documento. O que é isso? Índio num sabe papel. Índio num sabe. O que é verdade para nós é onde meu avô morreu, minha mãe cozinha o peixe, onde meu pai chorou o parente enterrado. Esse é o nosso mato de verdade).*

*(O que é nosso é nosso. Sobre o papel eu mesmo num sei... eu sei um pouquinho a escrita do meu nome. Diferente, meu pai, os antigos, num tem muito tempo, colocava o papel no dedo, com a tinta. Isso aí eu num vou esquecer).*

*(O branco me perguntou um dia, qual a diferença da terra, da água para o índio? Eu respondi, a água é o nosso sangue, a lama é a nossa carne, a madeira é o nosso osso, o cipó, nosso nervo, o vento o nosso fôlego, pedra nossa cabeça, a pessoa, é tudo isso, o corpo do índio. Como nossa casa, na frente olho, nariz, boca; desse lado, do outro lado, os ouvidos, atrás o nosso ânus. Verdade, num tem separação).*

*(O seu papel pode não acabar. Se a floresta acabar, o índio vai morrer e o branco também. Nossa prioridade, nós somos sagrados. O seu governo tem poder por causa do papel, a gente não. Nós temos a pintura, nossa escuta, nossa fala, nosso costume, que faz a gente forte. A floresta que dá pra gente o que a gente é).*

## **MOMENTO 8 – MORTE**

*(Não há tradução desta cena. Ela é construída em imagens, sonoridade e sensações).*

*(Vê-se uma índia cantando. Entra o som de floresta noturna).*

*Nawiaka wiu*

*weke ne a hu, aia há há hu.*

*I hoho i hoho i hehe i hoho i hehe a hu, aia há há hu.*

*(Ela percebe a presença de algum não indígena na floresta)*

*Awa pe o koi? Ma`are karaip am?*

*Karaip po ere kwahap? Moitará aé ko yt. Je a me eng je karamema ne upe, ere je me eng ne ruru, ere? Ne rura je me eng? Ere?*

*(Ouvem-se tiros).*

*(A respiração aumenta, a índia começa a gritar de forma desesperada).*

*Manora ene`a? Nite`a. Ene mamaeà ko yt. Ne pokwaim ka a opap aera wi iay.*

*(A respiração aumenta, ela começa a correr).*

*Eian.. Eian caparim. Eian, Eian caparim, eian, eian caparim, eian, eian, eian, eian, eian....*

*(Ouvem-se mais tiros. A índia cai e começa a cantar desesperadamente um choro lamentação. Ela chora falando).*

*Je me murakwe omanoã, minhara ekoyt. Je me murakwe omanoã, iajai*

*(A índia morre).*

## **MOMENTO 9 - HISTÓRIA GAVIÃO**

*(Andreia está assentada no chão do palco. Ouve-se em off a voz da atriz).*

A morte dentro da aldeia foi uma das cenas mais marcantes da minha vida. O morto é arrumado como se fosse a uma festa. Cortam-lhe os cabelos, pintam o seu corpo de vermelho com urucum e preto com jenipapo, colocam-lhe enfeites. Os choros-lamentações não cessam. Depois de arrumado, envolvem-no com a sua rede de dormir e auxiliados por um canto-reza carregam-no para o centro da aldeia.

Colocam o corpo em um grande buraco dentro da terra. Ao lado, depositam cuidadosamente um arco e uma flecha. Dizem que é preciso colocar objetos pontiagudos junto aos mortos para que eles possam se proteger. Daquele momento em diante o seu nome nunca mais pode ser pronunciado. A terra passa a ser então o lugar ancestral da junção entre o morto e os vivos.

Tacumã sempre me contava que os espíritos vão para a aldeia dos mortos e ficam aguardando o eclipse lunar. Quando este dia chega, todos os espíritos sobem pelo caminho da via Láctea e vão guerrear contra os pássaros.

Nesta guerra, as aves de todos os tamanhos se reúnem em uma luta sangrenta, tentando bicar as cabeças dos espíritos e levar para o “Gavião de duas cabeças” comê-las. Dizem que o Gavião é uma ave enorme, com dois bicos encurvados, quatro pequenos olhos sempre abertos e um corpo coberto de penas cinzas esbranquiçadas, com detalhes marrons.

Os espíritos se defendem com as armas enterradas juntas aos seus corpos, protegem vorazmente as suas vidas, mas não podem matar o Gavião-chefe, pois é ele que com as suas garras enormes sustenta o céu sobre as nossas cabeças.

Quando o Gavião devora o espírito, a existência acaba ali, não vive mais, fica como vento. É por isso que todos os espíritos dos índios guerreiam contra os pássaros, para que possam continuar a sua vida na aldeia dos mortos junto aos seus parentes. É isso que acontece com todos os espíritos dos índios. Acho que deve ser do mesmo jeito com todas as almas.

## ***MOMENTO 10- O GAVIÃO DE DUAS CABEÇAS***



*(Imagens e discursos reais são projetados em fotos e vídeos. A atriz performa no palco dançando, entoando gritos, marcando de tinta vermelha os desenhos pintados em preto nos painéis. Ela sobe na tribuna com a máscara do Gavião, faz os gestos da deputada entoando gritos de guerra. A música aumenta até finalizar. Black out).*

**FIM**